

O governo visto da cama

ARTHUR VIRGÍLIO NETO

S ofro de asma. Daí ter feito tanto esporte na juventude e ter necessidade, hoje ainda, de expandir minha capacidade de respirar para fiŕgir (às vezes por cinco ou seis anos) que não tenho a doença. Como parei a ginástica nos três últimos meses do ano passado, o estresse tomou conta, ganhei uns quilinhos e lá veio a danada, que se manifestou em Nova York, em janeiro, a 16 graus abaixo de zero.

De volta ao Brasil — e iniciada a convocação extraordinária do Congresso — os médicos me proibiram terminantemente de trabalhar. Teria de ficar em casa e, mais do que grave, em silêncio, falando o mínimo enquanto tossisse o máximo, lendo livros, vendo filmes e ouvindo música. Coisas ótimas, que lamento não ter tempo de fazer na vida “normal” que levo e que me provocaram tortura e suplicio, quando o médico as prescreveu.

Jornais, o médico não queria

que eu os lesse, por causa da tinta e da poeira. Não aceitei. Negociamos e ele me permitiu a leitura, desde que perto de janela aberta e depois de alguém ter folheado cada página antes de mim.

A leitura, os rádios com notícias políticas, os telejornais e a TV Senado iam me deixando neurótico: vontade de participar, de atuar, de agir, de falar, de fazer a minha parte. O médico constatou que a tosse — claro que, também, de fundo emocional — só piorava. Opinei que não ouvir o noticiário me fazia mal e, desgraçadamente, ouvi-lo me fazia mais mal ainda.

Daí os quase cem requerimentos de informação ao governo Lula que bolei durante o “repouso” e apresentei logo ao retomar a tribuna. Versavam sobre tudo: biossegurança, agências regulatórias, irre-

gularidades administrativas, juros, avião (chiquêrrimo, o Air Bus do Lula), política externa, reformas e daí em diante.

O trabalho, que logo virou sistemático, começou a auxiliar na cura. Passei uns dias em Petrópolis e isso ajudou ainda mais.

Claro que tive de mesclar ironia e algum humor com as matérias mais densas que abordei. E aí requei ao ministro das Relações Exteriores que me informasse se o presidente da República já programou viagem ao Turcomenistão na esteira do

seu programa de visitas a ditaduras, como Cuba, Líbia e Síria.

Afinal, esse país, segundo a revista “Veja”, seria o pior do mundo e seu ditador alguém (ou algo) tão sanguinário como, por exemplo, Saddam Hussein.

Em outro requerimento, pergun-

tei ao chefe da Casa Civil, ministro José Dirceu, se é verdade que existe um “núcleo duro” no governo e se, a partir daí, eu poderia chamar os demais ministros de integrantes do “núcleo mole”.

E, claro, pedi voto de aplauso para d. Antonia Palocci, mãe do ilustre ministro, que teve a sinceridade de dar nota 5 ao governo integrado pelo filho. D. Toninha sabe das coisas, pois isso foi antes do caso Waldomiro. Hoje, a nota seria bem menor, estou seguro.

Em suma, como não sei ficar sem fazer política, foi duro sentir a vida passar vendo, de longe, as coisas acontecerem no Brasil. Voltei ao Senado ainda tossindo, mas foi melhor assim.

• Um recado a d. Toninha: seu filho levanta a média de um governo frágil. Sem ele, não valia nem cinco, até antes do escândalo. Parabéns por sua sinceridade.